

EDUCAR NA RELIGIOSIDADE: pesquisa e experimentos com universitários*

To educate in religiousness: research and experiments with university students.

JORGE CLAUDIO RIBEIRO **

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Recibido Octubre 18, 2008

Resumen

En este artículo se describen los aspectos de la investigación "Perfil de la religiosidad de universitarios - un estudio de caso en la Pontificia Universidad Católica de Sao Paulo, Brasil." El objetivo de esta investigación es entender la experiencia religiosa de los jóvenes, especialmente universitarios, insertos en la modernidad, que es, al mismo tiempo, secular y sedienta de sentido para la existencia. Nuestro punto de partida es el concepto de religiosidad como "una capacidad humana, histórica y culturalmente determinada que elabora formas para el conjunto de la existencia". Esta comprensión se nutre de las ideas de Georg Simmel (1858-1918). El artículo deja de lado los datos cuantitativos y reflexiona sobre las estrategias y experimentos educacionales basados en la religiosidad juvenil.

Palabras Claves: Religiosidad; Juventud; Modernidad; Universidad; Simmel.

Abstract

This article discusses aspects of the research "Profile of religiousness of university students - a case study at the Pontifical Catholic University of Sao Paulo, Brazil." The objective of this research is to understand the young religious experience, especially in university, within modernity, at the same time secular and thirsty for meaning to existence. Our starting point is the concept of religiousness as "a human capacity, history and culturally determined, to draw up ways for the whole of existence." This understanding is nourished upon the ideas of Georg Simmel (1858-1918). Here were left aside the quantitative data and is reflected on strategies and experiments based on the young religiousness.

Keywords: Religiousness; Youth; Modernity; University; Simmel.

* Pesquisa liderada por mim e conduzida pelos docentes Regina Pereira Lopes, Maria Celina Q. Cabrera Nasser, Antônio Martini, Eulálio Figueira, Yara G. de Castro (assessoria estatística).

** Correspondencia. Departamento de Teologia e Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Campus Central, R. Monte Alegre, 984, Perdizes, 05014-901, São Paulo, SP, Brasil. Email: jorgeclaudio@olhodagua.com.br

Apresentação

A experiência da juventude contemporânea, do ponto de vista geracional e como trajetória singular, tem sido cada vez mais o berço de seus ensaios de elaboração de sentidos para a existência. Ao longo de seus percursos, os(as) jovens reivindicam liberdade ante as mediações religiosas, seja para criar suas representações do transcendente, seja para aderir de novo às tradições herdadas. Para atender às próprias necessidades espirituais, a juventude faz o amálgama de materiais diversos, tais como a cultura mundializada, as condições econômico-sociais e as ocorrências do cotidiano – desse conjunto resultam modos de compreensão do mundo e de inserção nele. O presente artigo pretende explorar como ocorre esse processo vital entre os jovens.

Este texto tem como base o livro “Religiosidade Jovem” (no prelo), que acabo de escrever reunindo os principais resultados da pesquisa “Perfil da religiosidade do universitário – um estudo de caso na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- Brasil”ⁱ. Nosso grupo propôs uma concepção de base, para religiosidade, como “uma capacidade humana, história e culturalmente determinada, de elaborar sentidos para a totalidade da existência”. Essa compreensão se nutre das idéias de Georg Simmel (1858-1918).⁽¹⁾

Nossa pesquisa começou em 1997 e, após elaboração conceitual e pré-testes, foram feitas aplicações de um questionário, nos anos de 2000 e 2004, junto a 1.032 e a 520 universitários respectivamente. Pretendemos compor uma série histórica com coletas quadrienais. Essa investigação deu-se no bojo da experiência docente exercida pelo Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP, com a disciplina Introdução ao Pensamento Teológico (IPT). O *locus* desse trabalho é uma instituição que manteve estreita colaboração – inclusive de resistência política – com a arquidiocese paulistana, notadamente durante o período de D. Paulo Evaristo Arns (1970-1998); a universidade acolhe estudantes de todo o País e se insere numa metrópole plural como São Paulo. Tais condições contribuíram para um clima secularizado, provavelmente mais intenso que suas congêneres no Brasil.

A proposta pedagógica da disciplina IPT surgiu, pois, numa época de intenso questionamento de valores, pela sociedade e pela juventude. Atendendo a um público universitário que se caracteriza como pluri-religioso, urbano e hiper-crítico, a prática dessa disciplina abriu espaço para a percepção de uma complexa religiosidade.⁽²⁾ Nesse contexto educacional, mesclaram-se práticas, intuições e teorias que caracterizaram nossa pesquisa. Pretendeu-se, assim, conhecer os traços principais da religiosidade de universitários no interior da modernidade globalizada, propor perspectivas educacionais e lançar pontes para compreensão de outros segmentos juvenis. Embora um estudo de caso seja, *per se*, identificado com seu ambiente de origem, ele serve de base para se dialogar com a comunidade acadêmica e educacional mais ampla, para que dele se utilize e o aperfeiçoe.

Insights

À semelhança da radiação cósmica de fundo, o relato da vocação de Samuel pulsou ao longo de nossa investigação (1 Sam., 3ss). Na passagem bíblica, o jovem é acordado por um chamado e, crendo atendê-lo, de imediato se apresenta ao sacerdote Eli, que dorme em aposento contíguo. “Eis-me aqui”, diz Samuel. “Não te chamei, torna a deitar-te”, responde o sacerdote. Ressoa um segundo chamado e se trava um diálogo idêntico. Na terceira vez, Eli dá-se conta do que ocorre e desvela ao jovem o significado daquele momento: “Se alguém te chamar, dirás: ‘Fala, Senhor, teu servo te escuta’”. E assim fez Samuel, e assim recebeu sua missão diretamente da boca de Javé.

Inspirados nessa narrativa, nossos docentes intuíram que a juventude vive profundas e contraditórias experiências de sentido e, com freqüência, não consegue identificar sua dimensão sagrada; oscilante em seus *insights*, confia pouco na própria religiosidade, desperdiçando energias e referências que poderiam contribuir para sua trajetória. Mais adiante, nosso estudo mostrou que, ao compreender as forças mobilizadas pela religiosidade dos jovens, o educador pode ajudá-los a nomear suas experiências e contribuir na elaboração de sua identidade.

Sendo a religiosidade uma energia humana, ela é educável e pode ser uma poderosa aliada no processo educativo – se laico ou formalmente religioso, tanto faz. Às vezes vivenciada de modo não consciente, a religiosidade é decisiva para que o jovem mergulhe em seu presente e se abra para o além-de-si (a sociedade, o futuro, o transcendente). Não cabe ao adulto manipular uma dimensão que deve inspirar-lhe reverência; trata-se de abrir portas para o educando tirar suas conseqüências, tornar-se cada vez mais humano, inserir-se na sociedade, na história e comprometer-se com o próprio crescimento.

Uma pedagogia apoiada na religiosidade deveria assimilar a dinâmica contemporânea da individualização e da subjetivação, surgida no bojo da desregulação das instituições tradicionais produtoras de sentido. O fato de as sociedades modernas se terem apartado da religião, e as esferas da existência terem conquistado autonomia, não significa que os educandos “tenham liquidado sua necessidade de dar-se sistemas de significações que lhes permitam transmitir, bem ou mal, a sucessão descontínua de suas experiências num percurso dotado de um sentido” (Hervieu-Léger, 2001).

A consideração do fazer educativo fundado numa religiosidade “naturalmente” humana pode promover uma aproximação entre a diversidade religiosa e algumas conquistas da modernidade, como a ética de um universal humano, trans-religioso e trans-filosófico. No Brasil, o Projeto Juventude propôs a divulgação de conteúdos sobre a história das religiões e seu papel na sociedade brasileira; a afirmação da liberdade religiosa como requisito da democracia política; a adoção de uma perspectiva ecumênica e de valores no ensino religioso adotado pela escola pública; a consideração do fator religioso em programas de solidariedade voltados para a vulnerabilidade social juvenil. Assim, o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (Fonaper in Klein, 2006) defendeu uma ética pluralista para:

... “favorecer a compreensão dos diferentes símbolos religiosos na vida e na convivência das pessoas e grupos, compreendendo que pela simbologia se expressa a idéia do transcendente de maneiras diversas nas experiências culturais e reverenciando as diferenças do outro... espera-se que o educando chegue ao significado dos símbolos mais importantes de cada tradição religiosa, a partir do seu contexto sócio-cultural, e que, na comparação do(s) seu(s) significados, desenvolva um entendimento e respeito crescentes na convivência da sala de aula e nos diferentes grupos” (Fonaper, 1997, p. 44-46).

Também nesse sentido o Conselho da Europa recomendou que se promovessem valores como a descoberta da alteridade enquanto relação e não como barreira; a relativização das identidades particulares, enfatizando a dignidade e os direitos humanos universais; a capacidade de interpretar o discurso sobre as diferentes culturas, veiculado pela mídia (Davie & Hervieu-Léger, 1996)

Essas propostas de apóiam a possibilidade de trabalho no nível da religiosidade e viabilizam parâmetros de teor ecumênico para guiar seu público.

Simmel

Os postulados simmelianos foram decisivos na interpretação dos resultados de nosso estudo. Nele, a principal contribuição de Georg Simmel foi fornecer respaldo teórico ao conceito de religiosidade que, no início da pesquisa, se resumia a uma intuição. A reflexão desse pensador ofereceu uma via de duas mãos entre a experiência religiosa geral e a de nossos jovens. A religiosidade é uma dimensão necessária para nossos sujeitos elaborarem sentidos em sua existência, mergulhados que estão numa cultura que apresenta inegável tendência à secularização. Ao mesmo tempo, uma disposição “piedosa” aflora em situações de alteridade, sobretudo as que envolvem a família e os amigos e que freqüentemente atingem o nível de sacralidade.

Simmel sempre se refere à fé prática, que nossos jovens entendem como uma atitude “humana” e cerne de sua religiosidade. Em vários depoimentos, eles reconheceram que algum tipo de fé lhes é imprescindível para as opções estratégicas em suas vidas. Para quem já se desloca por ambientes desconhecidos e ensaia projetos rumo à autonomia, a fé prática significa confiar – num ser superior, na vida, em si mesmos, nos outros, no futuro. Ademais, boa parte dos sujeitos atribui nítida prevalência da fé sobre as formulações religiosas.

Ecoando a observação de que “grande parte da sociedade civilizada se defronta com o sentimento de uma nova urgência de satisfazer suas necessidades íntimas” e que as fórmulas do passado parecem esvanecer-se “deixando o homem com essas necessidades em completo vazio” (Simmel, 1998), em várias ocasiões nossos sujeitos apresentaram vivo desconforto ao confrontar questões atuais com as tradições religiosas que herdaram. Uma das manifestações mais freqüentes dessa disposição é afirmarem que a crença deles não é a única verdadeira. Por isso, os jovens fazem intensa crítica ao modo de agir das igrejas concretas. Ao perderem a influência sobre muitos universitários, as religiões deixam um espaço aberto para a expressão individualizada da religiosidade fundamental; esta permanece como pano de fundo sobre o qual eles costuram retalhos de crenças de várias

5 JORGE CLAUDIO RIBEIRO

origens e elaboram sentidos singulares para sua trajetória. Nesse sentido, estando as sociedades ocidentais carentes de sentido, e sendo a religiosidade capaz de secretar sentidos, esta assume incontornável importância.

Também nas imagens do transcendente nossa pesquisa se aproxima de Simmel. Cerca de 88% de nossos sujeitos admitem crer em Deus, mas suas representações do transcendente têm feição variável e resultam da confluência entre diversos fatores, como suas vivências singulares, sua recém-adquirida condição de universitário e sua situação sócio-cultural. Dentro de um clima que remete ao panteísmo estético simmeliano, a maioria dos jovens pesquisados cultua sobretudo “um ser superior”, em seguida “uma forma de energia” e, com menor peso, “um ser pessoal”.

O parentesco entre arte e religiosidade, analisada por Simmel, também é constatável em nossa pesquisa. A arte – sobretudo a música – suscita nos universitários “uma dimensão superior” e eleva seu nível de energia. Além disso, a característica atribuída a todo artista – a obediência à “lei individual” que brota do íntimo – se aproxima da intensa reivindicação de nossos jovens a serem os principais artífices da própria vida.

Desafios educacionais

As vivências de religiosidade são uma base para o diálogo desses sujeitos entre si e com a sociedade. Ante eles, o mundo adulto procura impor à juventude um sem-número de repertórios pré-definidos (profissionais, amorosos, religiosos, políticos e artísticos), os quais o jovem tem pouco interesse em assimilar, pois está motivado a aferir até que ponto esses códigos o ajudam em suas passagens.

Nossos universitários vivem a aventura e os percalços da invenção de si e de valores como um crédito quase incondicional à vida, dotada de sentido; a sacralidade da luta pelo que acreditam; a energia suscitada na alteridade; a relativização das religiões; a relação confiante com um ser superior.

O Samuel pós-moderno continua sozinho ante o desconhecido radical. A juventude atual não identifica o autor do convite, mas acolhe forças misteriosas deflagradas ao longo de sua inserção na sociedade, na natureza, em relacionamentos nascentes e nas manifestações estéticas. A vivência juvenil é um desafio para o educador, acostumado a abordagens mais complexas: embora tenha perdido parte do frescor da novidade, ele mesmo acumulou saberes que lhe possibilitam avançar em meio a uma dinâmica freqüentemente assustadora. É provável que os educadores percebam um significado sagrado nos avanços cotidianos de seus educandos. Ao se espelharem mutuamente, ambos tornam-se companheiros de jornada, cada um a seu modo.

Propostas – Nossa pesquisa tentou abrir pistas para uma didática da religiosidade. Para tanto, um primeiro passo é considerar materiais presentes na experiência singular dos estudantes: valores, impasses, memória, epifanias, símbolos, rituais e representações. Nesse ambiente, o jovem aprende a identificar sentidos pouco consignados.

Um primeiro passo nessa didática é refletir sobre a alteridade experimentada na sociabilidade juvenil e abri-la para contextos mais amplos. Na exposição de si mesmo e na acolhida do outro ocorre a expansão do ego e do aqui-

agora: para tanto, a partilha é um instrumento pedagógico que ajuda a sacralidade a aflorar. Como ensinava Durkheim (1989), uma fé é calor, superação do indivíduo e “as crenças só são ativas quando compartilhadas”.

Numa segunda etapa, seriam pesquisados os contextos que envolvem religiosidade. São sugeridos estudos em grupo envolvendo temas como a presença da idéia de energia em determinado contexto; práticas de bricolagem e sincretismo religioso; experiências da finitude; religiosidade e relação com a arte, a política, a solidariedade e as religiões; a cultura do consumo e a juventude.

Enfim, podem ser realizadas variações da partilha. Primeira, a aplicação, na própria escola, de um levantamento sobre a religiosidade individual. Pedagogicamente trabalhados, os dados podem suscitar autoconhecimento, respeito à diversidade e tolerância. Segunda, a promoção de uma “Feira das Religiões”, à semelhança da tradicional Feira de Ciências escolar, na qual seria apresentada a diversidade religiosa presente na comunidade escolar e em seu entorno.

Essas propostas têm como objetivo a elaboração de critérios por parte uma juventude que é cotidianamente afetada por uma cultura caracterizada pelo hedonismo, por evitar a consideração da finitude e da morte, pela exacerbação da sexualidade, pelo imediatismo e infantilização, pela hiper-sensibilidade musical e visual, pelo individualismo e inter-relações fluidas. Nesse ambiente, as identidades são elaboradas a partir de sedutoras referências de consumo oferecidas pela mídia – roupas, diversão, eventos e artistas.

Esse quadro desafiador também gera oportunidades e alternativas. A partir das relações próximas, propiciam o surgimento de ocasiões ou objetos “poderosos” que potencializam a “emoção das profundezas”, anotada por Durkheim (Hervieu-Léger, 1999) Tal como uma glândula, a religiosidade jovem secreta símbolos, rituais e mitos que são pontes até a alteridade e o diálogo com a modernidade.

A seguir, serão apresentados três experimentos pedagógicos em que se procurou construir uma educação apoiada na religiosidade jovem.

Experimento 1: O jovem e o deus das pequenas coisas⁽³⁾

De modo imprevisto, durante uma aula, eis que afloram miúdas epifanias. Inspirada em nossa pesquisa, e anualmente reiterada ao longo de uma década, uma atividade didática ergue uma ponta do véu que encobre a religiosidade do universitário. Como ponto de partida, são apresentadas três propostas aos alunos: que tragam para a aula os *objetos poderosos* que levam próximos de si ou em seu corpo; que revelem seus rituais preferidos; que explicitem os significados desses objetos e rituais.⁽⁴⁾ Surpreendentemente, chegam objetos em profusão: a surpresa decorre da generalizada impressão de que o universitário – devido a seu nível cultural e social e a uma imagem de rebeldia – nutre aversão a “revelações” e as encara com suspeita racionalista, típica da modernidade e também da Academia. No entanto, foi constatado que muito poucos jovens, uns 3%, não portavam nenhum objeto desse tipo.

7 JORGE CLAUDIO RIBEIRO

A intensidade e amplitude dessas “formas elementares da vida religiosa”, desses totens individuais, abriu espaço para riquíssimas pistas pedagógicas. Sendo que os sentimentos coletivos só se tornam auto-conscientes quando se fixam em objetos exteriores, esse experimento revelou características da religiosidade jovem. É interessante constatar que os símbolos e rituais relativos a cada pessoa não tinham origem religiosa estrita, e com frequência provinham de ambientes profanos, como a indústria cultural. Segundo a antropóloga Patrícia Birman, em correspondência com o autor, esse amálgama “é muito interessante na medida em que possibilita compreender que a ordem do mercado não contradiz necessariamente o investimento afetivo e simbólico feito sobre os objetos”. A pesquisadora observa que, com os novos tempos religiosos, “vem crescendo a possibilidade de se exibirem novos símbolos de pertencimento identitário e de construção subjetiva do próprio caminho”. É o que parece ter acontecido.

Mediante uma bricolagem generalizada, são reunidos objetos oriundos de religiões diferentes da originária do estudante, sinal de que esse material se refere menos a crenças formais e mais a práticas destinadas a suscitar energia e proteção. Sensíveis ao mistério da vida, os jovens consolidam subjetivamente marcos de memória que explicitam mitos de sua origem e de sua destinação. Sobre essa base, celebram forças nascidas de circunstâncias muito concretas, como o amor e a amizade. O que não é pouco, considerando-se o líquido contexto pós-moderno.

Um fruto pedagógico imediato dessa atividade foi uma partilha sem preconceito sobre significados ocultos de vivências “selvagens” de religiosidade. Com a ajuda do educador, e superando seu solipsismo inicial, muitos estudantes experimentaram uma tríplice des-centração: constatação de que também os colegas têm uma rica vida simbólica; identificação de objetos comuns, embora ancorados em histórias e significados singulares; abertura à dinâmica cultural de sociedades humanas.

Nesse experimento foram identificados símbolos, mitos e rituais.

Símbolos

A princípio tímidos, os estudantes adquirem crescente desenvoltura à medida que os depoimentos dos colegas se sucedem. Logo seus pequenos tesouros brotam das carteiras e bolsas e, sem inibição, são exibidas marcas no próprio corpo. A profusão e a variedade de amuletos são sinais de uma realidade complexa. Para compreendê-la, os materiais são agrupados em três categorias: individual, familiar e relativos aos amigos.

1. Dentre os objetos de uso *individual* e corporal destacam-se pedras e cristais de diversos formatos, chaveiros com símbolos, terços, crucifixos, fitinhas do Senhor do Bonfim, santinhos, escapulários, velas de várias cores, anéis de namoro, mechas de cabelo, pulseiras, colares, cordões no tornozelo, chaves, relógios, óculos, livros, gibis, diários, CDs e instrumentos musicais, brinquedos e objetos de infância (bonecas, animais de pelúcia, fraldas e cobertores), álbuns de fotos, recordações de viagem, folhas secas. São mencionados alimentos especiais,

perfumes e cremes, roupas íntimas, camisas da Seleção de 1970 de futebol ou do próprio time, tatuagens, *piercings* e até alterações corporais.

2. Uma *segunda* classe de símbolos remete ao cotidiano familiar. A casa, em si, é simbólica e palco de objetos que significam passagem: a chave da porta, o mesusá na soleira. A moradia aglutina os elementos individuais que são sacralizados em ocasiões envolvendo sociabilidade. Nesse “pequeno mundo” se celebra a memória e a identidade, durante as refeições, a fruição da música ou a assistência à TV. A casa abriga plantas (cujo cuidado é confiado de mãe para filha), cristais energéticos (“cultivados” como seres vivos), xícaras e pratos de exclusivíssimo uso, e roupas antigas (herdadas dos adultos e usadas pelos jovens em momentos especiais). Para quem migrou de outra cidade, a distante casa dos pais ou de parentes ancora um significado ancestral, lugar bom que sempre se procura visitar.

Nesse cenário, alguns recantos se destacam. O próprio quarto (“é a minha cara”) é um nicho repleto de significados: nele ocorrem momentos de passagem (adormecer, acordar), bem como rituais variados; nas paredes há painéis em que são afixadas fotografias de ocasiões envolvendo pessoas queridas; aí se acende incenso, se acumulam livros e imagens ligadas ao devaneio, à meditação e à audição privada de música. No quarto às vezes há um oratório ou uma “caixa com coisas”, lembranças da infância e um telefone-sem-fio que permanece em *stand-by* durante o sono.⁽⁴⁾ Transformado em utensílio pessoal, o computador ajuda a adquirir conhecimentos e potencia contatos com o resto do mundo – foi mencionado um endereço eletrônico ligado a experiências místicas (*nome@caminhodesantiago.zzn.com*). Outro recanto especial é o banheiro, onde se faz a higiene física ou espiritual, mediante banhos esotéricos com sal ou ervas, ocasião em que se reflete e se reza.

3. A *terceira* categoria remete aos amigos, verdadeiras portas de acesso ao “vasto mundo” social. Diferentemente da família, as amizades ainda tiveram pouco tempo de acumular objetos que, mesmo assim, carregam intensos significados. Nossos estudantes valorizam fotos, mochilas, cartas manuscritas e presentes de todo tipo, que são lembranças de vivências em comum, como viagens, refeições, conversas de bar, esportes e festas.

Pontes – Com maior frequência, surgiram objetos que representam uma ponte entre mundos diversos: quando exibidos e “traduzidos” pelos donos, provocaram intensa comoção entre os colegas. Alguns amuletos conectam o aqui-agora ao longe e ao depois. Por serem pontes, revestem-se de característica ritual.

Há coisas que se pode denominar “não-objetos”, por estarem quebrados e, portanto, sem utilidade. Mesmo assim, foram re-significados e continuaram a ser usados. Assim, um aluno relatou ter ganhado do avô uma caneta sem uso, transformada em relíquia de uma pessoa querida, já ausente. Outro jovem mostrou um relógio antigo, de algibeira, que não mais funcionava: “Esse relógio me foi dado por meu pai, que o ganhou do pai dele. Quando o uso, sinto que pertenço à corrente de vida”. Esse utensílio, que passou a medir um não-tempo – ou melhor, um tempo existencial, um *kairós* –, é uma bela metáfora para eternidade, experimentada na linha contínua da amorosidade familiar. Mais adiante aparece outro relógio, também quebrado, que é usado cotidianamente por X:

9 JORGE CLAUDIO RIBEIRO

pertenceu a um amigo que, na hora da morte, pediu que fosse enviado a X. Só meses depois, a mãe do jovem falecido se lembrou do pedido. X recebeu o presente e o interpretou como um misterioso recado do amigo.

Uma estudante levou uma mecha de cabelos amarrados com uma fita azul. “Eram do meu pai...”, disse, com a voz embargada. Em seguida mostrou outra mecha, com fita vermelha. A classe entendeu imediatamente, antes mesmo que ela sussurrasse que os cabelos foram da sua mãe... falecida. Uma jovem africana relatou que, em seu país, conservava um copo: “Meu pai estava no hospital e eu o acompanhava. Ele me pediu água, eu lhe dei, naquele copo. Em seguida, ele morreu”.

Os óculos são ponte entre o mundo doméstico e o social. Alguns universitários relataram que, pela manhã, limpam minuciosa e sistematicamente seus óculos: se não o fazem, não se sentem seguros para mover-se em direção ao mundo exterior, ou ao complexo universo mental, através da leitura.⁽⁵⁾ De modo semelhante, muitos jovens atribuíram valor simbólico ao livro “de papel”, ou ao lápis e à folha onde escrevem seus textos, manifestando a necessidade de contato corporal com os mediadores desse manuseio. Ainda como marco de conhecimento, uma aluna disse ter usado durante muito tempo um colar em espiral, da época em que ela sofreu o primeiro impacto das idéias de Hegel.

Fotografias – Há uma categoria especial de símbolos: as fotografias, que são referidas com muita freqüência. Elas estão em toda parte, espetadas em quadros de cortiça no quarto de dormir, colecionadas em álbuns, escondidas em algum canto da bolsa ou da carteira. De onde vem essa atração? Teriam as fotos as mesmas características dos demais símbolos? Não e sim.

Primeiro, com Platão, as imagens *não* são as coisas; são, antes, como sombras a que falta a espessura e o movimento próprios da realidade “plena”, originária. Essa restrição também está presente, a seu modo, em “Ceci n’est pas une pipe”, do pintor Magritte. Nele, o autor proclama que o quadro não é o próprio cachimbo e, por trás dessa obviedade, sinaliza uma surrealidade arcaica, um caos onde essência e aparência se abraçam. Por outro lado, *sim*, contemporaneamente as imagens assumem uma densidade específica, que é onipresente. No nosso caso, o conteúdo das fotos são as inter-relações envolvidas, elemento que as faz passíveis de serem sacralizadas, na confluência entre a modernidade e a religiosidade.

Para Susan Sontag, as fotos conservam uma carga simbólica ancestral: “Nas sociedades primitivas, a coisa e sua imagem eram apenas duas manifestações diferentes, ou seja, fisicamente distintas, da mesma energia do espírito” (Sontag, 2004) Permanece na fotografia uma genuína percepção de que se está diante de “algo mágico” que representa a “posse vicária de uma pessoa ou de uma coisa querida... que dá às fotos um pouco do caráter próprio dos objetos únicos”. Por isso, os povos primitivos resistem em se deixar fotografar, temendo perder uma parte do seu ser. Resíduo dessa magia persiste na relutância moderna em rasgar ou descartar alguma foto de uma pessoa querida, sobretudo se está morta ou distante.

As coleções de fotos podem significar um mundo substituto, em que nossa realidade imprevisível é perenizada: “Após o fim do evento, a foto ainda existirá, conferindo... uma espécie de imortalidade (e de importância) que de outro modo ele jamais desfrutaria”. Por isso, o uso “talismano” das fotos seria uma tentativa de entrar em contato com outra realidade (Sontag, 2004).

A autora observa que a fotografia é “um rito social, uma proteção contra a ansiedade e um instrumento de poder... um rito da vida em família exatamente quando, nos países em industrialização na Europa e na América, a própria instituição da família começa a sofrer uma reformulação radical”. O ato de posar para uma foto, no qual se adota uma postura hierática e idealizada de beleza e felicidade, seria uma tentativa não consciente de parar o movimento, sair do tempo e da história e mergulhar num tempo originário.

No contexto moderno, diz a filósofa, sabemos que a beleza não é algo em si, mas deve ser captada por nossa mirada. De vários modos, a fotografia é uma obra aberta. Ao capturar a experiência, congelar o movimento, recortar ângulos e aproximar-se de detalhes, a fotografia possibilita ao fotógrafo intervir com seu ponto de vista; ela mostra ao espectador um real que é inacessível, ou quase, ao olho desarmado e desatento; favorece variadas interpretações e a seleção dos resultados considerados mais significativos.

Nossos estudantes mostraram uma convivência espontânea com a porosidade da fotografia. A lógica da individualização e da subjetivação, presente na experiência religiosa, rege a multidão de cenas que os jovens colecionam e (re)significam. A obra fotográfica é instrumento de uma subjetividade questionadora que remete com paixão a paisagens interiores: é um campo de ação, em que “fazemos” fotos, e não que as “tiramos”. Estas não são meros registros, mas formas de atribuição de importância: não há nenhum momento ou pessoa que, de antemão, seja mais interessante do que outra. Se, como Simmel observara, na modernidade tudo é *artistizável* ou *religiosável*, da mesma forma, hoje o mundo inteiro é *fotografável*. Mais ainda: a fotografia depende dos olhares do fotógrafo, dos modelos humanos e do espectador. Nesse sentido, Sontag (2004) diz que a fotografia não mostra o que realmente existe, “mas aquilo que eu realmente percebo”.

O que autorizou a nossos jovens o tal “uso talismânico” de fotos? Primeiramente, o fato de que a experiência religiosa juvenil e a prática fotográfica se dão em circunstâncias nômades, peregrinantes. Essa confluência mostra como essas imagens são regidas por um peculiar ciclo vital: ao integrá-las a sua experiência, nossos sujeitos criam significados. Em segundo lugar, nelas se ancora a memória, que conserva e processa eventos e pessoas do passado, atualiza mitos e revigora relações que fundamentam nossa identidade mais original.

Mas, a fotografia também é submetida à lei da contradição. Dando uma guinada no encantamento a que nos conduziu, Sontag (2004) alerta que, na modernidade, “o conhecimento adquirido por meio de fotos será sempre um tipo de sentimentalismo... um conhecimento barateado – uma aparência de conhecimento, uma aparência de sabedoria... um consumismo estético em que todos, hoje, estão viciados”. Dessa forma, os cidadãos das sociedades industriais miniaturizam a experiência e “transformam a história em espetáculo”.

11 JORGE CLAUDIO RIBEIRO

Nossos jovens correm riscos semelhantes, quando fazem de suas fotos e demais objetos poderosos um pretexto para auto-complacência, contemplação narcísica e fixação no passado. No entanto, espera-se, esses problemas não são a última palavra.

Rituais e Mitos

Sendo comportamentos simbólicos que conferem sentido aos fatos da vida das sociedades e indivíduos, os rituais colocam seus participantes em relação. Os rituais proliferam no cotidiano de nossos jovens, articulam seus objetos poderosos e remetem a *seus* momentos significativos.

Um exemplo freqüente são as refeições. Tomadas isoladamente ensejam uma reflexão calma; quando reúnem parentes ou amigos, podem aprofundar relações. Nesse contexto, a sociabilidade é um dos aspectos mais importantes: uma estudante combinou um encontro mensal com seus amigos íntimos; jovens atores, antes de iniciar uma peça, dizem alguma frase ou fazem um gesto para “trocar energia”; diariamente, após as aulas, um universitário encontra a namorada para comentarem os fatos ocorridos – esse momento tornou-se tão denso que motivou a reconciliação, após uma ruptura.

Mergulho no desconhecido de onde não se tem certeza de voltar, outro momento especial é o adormecer, repleto de marcos da infância e precedido de um invariável “boa noite, bênção” dirigido aos pais ou a quem está no quarto. O despertar, em que se sente “a energia voltar ao corpo”, é acompanhado de uma prece. Também a saída de casa, para ir à escola ou trabalho, é acompanhada da recitação de uma oração, “para ficar alerta” ou para obter proteção. Um ritual comum, de ruptura, é “matar aula” no cinema.

Atravessando os objetos simbólicos e os rituais do cotidiano, e dando-lhes coerência, há mitos que são moldados no aqui-agora, ou no passado individual e na dinâmica geracional. De onde provém o poder de um *objeto poderoso*? O que torna um gesto ou uma ocasião passíveis de serem ritualizados? Ao longo desse experimento pedagógico, os relatos mais significativos envolviam vivências em família (mitos de origem), ou junto a amigos ou a parceiros amorosos (mitos de destinação). No fundo dessas situações, havia como uma muda oração, enunciada de modo intenso: “Sou amado; pertencço; sou aceito como sou”. Integrando a dinâmica vital, esse mito é experimentado e re-significado. Essa vivência ocorre em dois níveis.

O *primeiro* nível situa-se nas relações interpessoais. Aspecto fundamental citado com freqüência, é que os acontecimentos, roupas ou adereços “profanos” se revestem de sacralidade porque foram doados por pessoas com quem se permutam afetos. Os mitos relativos à pertença familiar e/ou a um círculo de amigos propiciam a acumulação de significados nos objetos. Por exemplo, uma estudante judia mostra um chaveiro que trouxe de Israel: “Nele eu coloquei a chave da casa de meus pais, agora acrescentei a chave de meu carro e pretendo colocar a chave de minha casa, quando encontrar um marido”. Para surpresa geral, outra aluna, emocionada, exhibe o próprio umbigo: “Foi tratado com ervas quando nasci e adquiriu esse formato especial graças a uma

fórmula que minha avó usou em minha mãe, e ela em mim”. A mesma jovem tira da carteira uma foto em que um adulto levanta uma bebezinha com uma das mãos: “Essa sou eu, com meu pai...”. Outra estudante mostra sua tatuagem representando a silhueta de um bebê: “Minha mãe tem uma tatuagem igual, que mandou fazer nela quando eu nasci”. Nos relatos, a avó e o avô, são apontados como importantes atribuidores de significado: muitos objetos tornam-se poderosos porque foram dados por eles. O avô ou avó protagonizam outras circunstâncias importantes, marcadas pela ausência: sua morte, quando os sujeitos sonham com eles, sentem sua presença ou vão periodicamente ao cemitério conversar com um deles. Para muitos jovens, esse foi o primeiro contato explícito com a morte.

O *segundo* nível mítico resulta da expansão de experiências individuais em direção a contextos mais amplos. Ao ampliarem a compreensão dos símbolos pessoais, os universitários rompem com o isolamento e o narcisismo. Para o sujeito, uma vivência se torna relevante quando a percebe exclusiva; contudo, na partilha e na escuta de relatos alheios, cada um se dá conta de que seus símbolos e rituais não são nem naturais nem apenas mágicos, mas que resultaram de uma construção. Essa descoberta motivou vários estudantes a pesquisarem, em outras culturas, os significados relativos a seus objetos e rituais.

Parte integrante das sociedades, os símbolos integram uma complexa rede de poder que envolve submissão e/ou resistência. Desvelar essas relações e articulá-las às situações peculiares de seus alunos é uma fecunda possibilidade de educação política.

Eficácia

Por que os jovens *acreditam* em seus materiais simbólicos? A origem dos objetos poderosos, rituais e mitos do cotidiano parecem situar-se num plano mais profundo: a religiosidade. Esta é vivida sobretudo como bem-estar, harmonia, proteção, sorte, gratuidade, alteridade e mais como sentido (“quando essas coisas deixaram de fazer sentido para mim, parei de usá-las”) do que como conceito (“não sei por que uso isso”; “não sei a origem dessas coisas”).

A eficácia dos símbolos pessoais, portanto, está em que, através deles, se sente um acréscimo de energia, um reforço na confiança que leva ao crescimento. Os objetos e gestos enraízam-se aos poucos na vida de cada sujeito, do que resulta a impressão de que ele é especial, o que explica a timidez em relatar tais vivências. Daí, também, o respeito com que os colegas as escutam, pois percebem que estão vivendo algo semelhante.

As pessoas atribuem significados porque determinadas ações “deram certo”. Com efeito, um aluno relatou ter feito uma oração antes de determinada prova e, diante do bom resultado, passou a repetir esse gesto em situações semelhantes; essa repetição também se verifica depois que se usou determinado traje – esportivo ou roupa íntima – e se obteve o efeito pretendido, de vitória ou sedução. Em tempos de insegurança, nossos sujeitos atribuem poderes mágicos a seus objetos, tais como “afastar mau olhado”, “dar proteção”, “evitar doenças” e “trazer sorte”.

13 JORGE CLAUDIO RIBEIRO

Mesmo alguns rituais de religiões “cultivadas” – o pessah e a eucaristia – podem assumir valor propiciatório, deixando em segundo plano o envolvimento pessoal com o transcendente.

O componente pragmático abre espaço para bricolagens. Assim, uma aluna judia relatou que sua empregada, de origem católica, beijava todos os dias o mesusá na soleira da casa dos patrões. Perguntada se sabia o significado do gesto, a empregada respondeu: “Não sei não, mas se isso é bom para vocês, pode ser bom para mim também”. Com razão, Weber observa que “os bens de salvação propostos por todas as religiões, primitivas ou cultivadas, proféticas ou não, se referem pesadamente a este mundo: saúde, longa vida, riqueza” (Hervieu-Léger et Willaime, 2001). Assim, o pragmatismo aparece na Teologia da Prosperidade neopentecostal, com suas curas, exorcismos e a melhoria de vida dos fiéis, aqui e agora (Pierucci, 2005). Armstrong (2005) alerta que um mito só é verdadeiro se for eficaz, se funcionar, dando novas esperanças e impelindo a viver de modo mais completo, ajudando-nos a encontrar sentido em nossas vidas. A autora acrescenta que a mitologia não frutifica quando se atém exclusivamente ao sobrenatural, mas “permanecerá vital apenas se estiver profundamente voltada para a humanidade”.

O experimento envolvendo os *objetos poderosos* desembocou na mostra “TempLos Modernos”.

Experimento 2: TempLos Modernos

A exposição “TempLos Modernos” reuniu no campus algumas instalações apresentadas durante minhas aulas. Inspirado pelas intuições de nossa pesquisa, esse evento mostrou a criatividade ritual e a plasticidade dos símbolos de nossos estudantes. O jogo de palavras do título sincretiza a sacralidade presente na cultura moderna e uma obra cinematográfica clássica.

Como ponto de partida, grupos de alunos foram convidados a montar em sala de aula ambientes abordando aspectos da experiência religiosa. Foram elaborados dezesseis TempLos e selecionados quatro, envolvendo dezenove estudantes, para serem expostos a toda a comunidade universitária. As instalações foram denominadas “Deus imagem”, “Supermercado da fé”, “Capela ecumênica” e “Varais”.

1- Em “Deus imagem”, o chão é totalmente ocupado por balões cheios de ar. Delimitando o espaço, mas também invadindo-o, grandes pôsteres trazem recortes de revista com figuras femininas e anúncios de produtos de beleza. Do teto pendem pequenos espelhos, vidros de esmalte e pentes. Ao fundo, mediação tecnológica, um aparelho de televisão sempre ligado exhibe os visitantes a si mesmos, captados por uma câmera oculta.

2- Em “Supermercado da fé”, é exibido um vídeo produzido pelos alunos cujo enredo é um passeio por um ambiente de bricolagem religiosa. As primeiras imagens mostram um cartaz que convida o consumidor/ fiel: “Escolha seu Deus, escolha sua identidade”. A cada passo, se insiste no dízimo (“Pague já, Jah lhe pague”). A trilha sonora mescla músicas dos Racionais MCs e de Roberto Carlos (“Jesus Cristo, eu estou aqui”). Nas

gôndolas, misturam-se: modelos de óculos; vários tipos de documentos; amuletos de diversa procedência; símbolos de times de futebol; pequenas estátuas de santos, santinhos de papel, bonecos e monstros de brinquedo; objetos diversos como jogos, bebidas, cigarros, calculadoras. No meio do caminho, um telefone com o aviso: “Use, se quiser falar com Deus”. O fiel pega o aparelho, disca repetidas vezes e afinal desiste. A linha estaria ocupada? Ninguém atende? Não se sabe. Então, a pessoa enche seu carrinho, pega propagandas de produtos religiosos e sai. No seu rosto, uma expressão neutra.

3- A “Capela ecumênica” radicaliza o título ao romper as fronteiras entre sagrado e profano. Suas paredes são feitas de esvoaçantes folhas de papel kraft de várias cores; na face interna, estão afixadas fotos de prédios de apartamentos ao lado de templos, além de poemas e letras de música. Seus autores: Manuel Bandeira, Mário Quintana, Chico Buarque, Vinícius de Moraes, Gilberto Gil e um Borges apócrifo. Nas paredes são afixadas estrelas e imagens de Nossa Senhora. Pendurado no teto, um sino de vento budista. A um canto, no chão sobre um tapete, convivem o Corão, a Bíblia, camisetas com imagens pacifistas, do Che e de ídolos do rock e os livros “Minutos de Sabedoria”, “O Capital” e “Notícias do Planalto”. Ao centro situa-se uma mesa sobre a qual se espalham santinhos, fitas do Senhor do Bonfim, imagem de Iemanjá, velas de seis cores, telefone celular, lata de Coca-Cola e maço de cigarros. Um pequeno cartaz sobre um genuflexório convida: “Ajoelhe-se e veja Deus”. Ao ajoelhar-se, o fiel se surpreende ao ver o próprio rosto refletido num espelho em posição estratégica e pós-modernamente re-significado.

4- Os “Varais” são o TempLo mais denso, palco de um ritual criado especialmente para o evento. A instalação se resume a sete fios vermelhos de barbante grosso, pendentes do teto, e que se entrecruzam. Em cada barbante, separadamente, os integrantes do grupo penduram seus objetos poderosos. Trazem adereços e peças de roupa representando um momento especial: calça, véu de cabeça, blusa, camiseta, pijama, luvas, meias, chinelos, pantufas, colares. São exibidas fotos (de infância, de família, com amigos), óculos de mergulho, brinquedos de infância (bichinhos de pelúcia, bonecos, avião de arame, roda de skate), uma redação antiga e uma radiografia (de alguém saudável), latas de refrigerantes. Há objetos relacionados à música, como capas de disco, instrumentos, ingressos de shows. Também foram trazidos livros de várias épocas. Depois de tudo pendurado, os jovens pedem silêncio, cantam uma música e lêem “*Multirão - Manifesto Mutualista*”, da autoria deles:

... “as verdades são subjetivas e apenas os subjetivos trarão a mudança. A mentalidade deve ser outra: encarar o mundo não mais como uma máquina, mas como um organismo vivo. O universo é uma grande rede de relações. Abaixo a fragmentação e a segregação que nos incitam a competir. Não queremos ser os melhores, queremos ser”...

Ao final, silenciosamente, os integrantes pegam seus objetos e os colocam nos varais uns dos outros, misturando vidas. Os assistentes se envolvem nessa bricolagem. Fim.

15 JORGE CLAUDIO RIBEIRO

Reações – Ao longo da exposição, o público foi convidado a registrar em grandes folhas de cartolina suas reflexões e sentimentos, o que forneceu material qualitativo adicional a nossa pesquisa. Alguns visitantes se sentiram estimulados pela vitalidade das instalações (“Os símbolos expressam um excesso de vida em nós!”; “Imagem, identidade, (re)significação, espelho! (des)construção, comunidade, caminho, ser/ter?”); outros manifestaram perplexidade (“Qual a simbologia da ordem estabelecida nas coisas?”; “Esse mundo está virado!”; “Na verdade não entendi nada...”); alguém desabafou um evento trágico (“Minha colega faleceu 6ª feira... se atirou do 6º andar... ela era rica... onde está agora?”).

As instalações suscitaram opiniões acerca das religiões, semelhantes às manifestadas por nossos sujeitos: “A Capela Ecumênica materializa a relação do homem e seus deuses e idolatrias”; “Os grandes templos da modernidade estão envoltos em consumo. Mas acho que existe algo além do consumo. O que as pessoas buscam nos templos? Que necessidade nossa eles suprem?”; “O Culto à Imagem é bastante expressivo; chega a dar agonia! A Linha da Vida de vocês é a minha. A Capela Ecumênica nos mostra como Deus é multiplicado e universal”. Surgiram reivindicações na linha da individualização: “Guie-se você mesmo!”; “Todos vocês são faustos, faustos; quem gosta de abismo tem que ter asas”; “Eu me ajoelhei e vi Deus... eu não acredito em Deus”; “Cada um é o seu Deus e o seu Demônio”; “Maravilhoso ‘Você Deus no espelho’, porque acredito que eu sou uma espécie de deus de mim mesma”.

Vários comentários remetem à representação do transcendente como ser superior (“Enquanto Deus permanecer em seu Céu, tudo na terra ficará bem”; “Deus é o desejo humano de ser livre da ameaça do não-ser. Nossa angústia é a culpa de termos assassinado um Deus que ainda vive em nosso desespero e vontade de viver apenas por viver”); como uma forma de energia (“Acredito na força de Deus. Não sou crente, mas sei que tudo que sou e consigo devo a ele/ela. O que é Deus? Uma força, uma energia, um homem/ mulher, satélite?”); como um ser pessoal (“Com Deus, sempre há uma nova chance, e se você crer em Cristo, todas as chances de Deus, estarão disponíveis para você, é só procurar”).

Os experimentos pedagógicos com os objetos poderosos e os TempLos Modernos fixaram sentimentos e memórias cujo significado poderia permanecer no silêncio da singularidade e não aflorar como linguagem. Ao “lançar pontes” entre territórios de diversas naturezas – indivíduo e sociedade, sagrado e profano, carisma e instituições –, essas práticas revelam o potencial pedagógico a partir da religiosidade.

Experimento 3: Solidariedade

Dados de nossa pesquisa forneceram bases para uma atividade voltada para a solidariedade em ambiente acadêmico. Foi captada uma predisposição em 49% de nossos sujeitos, que afirmaram exercer, ou terem exercido, algum tipo de voluntariado; também, obteve expressivo grau de concordância a frase “Estou disposto(a) a me engajar numa causa social, humanitária ou política”; além disso, 27,7% dos jovens pesquisados participam de

grupos de várias naturezas. Esses dados mostram um potencial de generosidade que interessa à prática educativa.

Revestido da singeleza própria da rotina escolar, foi proposto um “Relato de uma prática de solidariedade”. Nele, os alunos contaram sua experiência de contato com uma organização, escolhida por eles, onde se realizam ações solidárias. Os jovens foram orientados a “sentir o cheiro” do ambiente, a estarem atentos e a conviverem com as pessoas atendidas e, eventualmente, participarem das atividades. A vivência seria relatada num texto individual, objeto de avaliação.

Essa tarefa é anunciada no início do ano; o relato deverá ser entregue no 2º semestre, para que haja tempo de fecundar os conteúdos acadêmicos. No final do 1º semestre, cada estudante é convidado a dizer qual projeto pretende visitar. Sinal dos tempos neoliberais, em geral apenas 1/3 da turma tem idéia de onde ir: esses oferecem sugestões aos colegas e combinam visitas conjuntas. Rapidamente todos se dão conta da enorme rede de organizações existentes na metrópole e mesmo em cidades no interior. Vários universitários aproveitam as férias de julho para entrar em contato com instituições em suas cidades de origem. E assim, todos realizam a atividade.

No dia marcado para a entrega dos relatos, inicialmente ocorre em sala uma partilha, em que cada estudante relata aonde foi, suas principais impressões e descobertas. A classe costuma interessar-se por falar e ouvir, daí resultando intensa permuta de conhecimentos. Em seguida, os textos são entregues ao professor.

Os jovens têm visitado vários tipos de organizações, em geral assistenciais. A maioria escolhe aquelas que atendem a crianças, idosos e moradores de rua, com propostas diversas: arte, conscientização, política, religião, educação, orientação sexual, saúde, reciclagem, distribuição de alimentos.

Impressões – Chama atenção que, em função de um simples “trabalho” escolar, muitos alunos deram um passo que há muito tempo prometiam a si mesmos. Assim, acompanharam parentes já envolvidos em atividades solidárias, visitaram uma entidade vizinha de sua casa, doaram sangue pela primeira vez.

Os estudantes se envolveram com pessoas generosas, em projetos em geral bem eficientes e organizados, aproximaram-se de um mundo diferente de seu cotidiano hedonista e consumista, tomaram consciência do *apartheid* social em que vivemos, perceberam a omissão do Estado e questionaram os limites do assistencialismo. Muitos descreveram a sensação dolorosa de ver famílias totalmente desestruturadas ou presenciar idosos e crianças sempre a esperar algum visitante que nunca chega: alguns jovens foram confundidos com esses parentes.

Vários universitários avaliaram que, nessas visitas e mesmo durante algumas horas, deixaram de pensar apenas em si, receberam mais do que doaram, saíram melhores do que vieram, prometeram retornar e enriqueceram a perspectiva de sua futura carreira. Alguns se engajaram, efetivamente. Além disso, os jovens passaram a valorizar

17 JORGE CLAUDIO RIBEIRO

as boas condições de que dispõem, sobretudo as familiares, e reconheceram que freqüentemente reclamam desnecessariamente da própria vida. Ao mesmo tempo, fizeram uma reflexão moral ao perceberem-se necessitados em vários sentidos e concluírem que ninguém é superior, nem melhor, que seu semelhante. “O que é ser normal? O que é ser carente?”, perguntam-se.

Por mais que tenha sido intenso e significativo, esse experimento tem óbvias limitações, pois pode ser esquecido rapidamente. Mas, também pode desdobrar-se em nova consciência e engajamentos. O fato é que, para muitos, foi um primeiro passo que, de outra maneira, dificilmente seria dado.

Em síntese

As freqüentes menções dos estudantes aos três experimentos pedagógicos aqui relatados reforçam a convicção de que foi tocado um nervo sensível e que neles haveria pistas para se desenvolver uma pedagogia apoiada na religiosidade. Obviamente, o avanço da reflexão a esse respeito mostrará múltiplas possibilidades educacionais em que a religiosidade já é acionada. Tal como ocorreu com o jovem Samuel, ao ver explicitada sua relação com o mistério.

A vitalidade dos símbolos se manifesta na plasticidade dos objetos, na diversidade de seus significados e na capacidade de se mesclarem às dinâmicas cotidianas. A par do fascínio que tais atividades suscitaram, pode-se perguntar se esses símbolos, rituais e práticas solidárias representam efetivo amadurecimento.

Enquanto alguns jovens dizem que abandonaram objetos a que já estiveram profundamente ligados, outros revelam, um tanto embaraçados, sua aderência a lembranças de infância. Com freqüência, os jovens reconhecem-se pouco à vontade quando não portam determinado objeto, ou não repetem certas ações: “Se não tomar café, com calma, sinto falta”; “Não gosto quando durmo fora de casa, e não levo meu ursinho”; “Não consigo viver sem meu anel de compromisso”; “Se não fizer as rotinas da manhã em determinada ordem, sinto-me esquisita”. Durante os relatos, os universitários questionaram se o material simbólico não seria uma espécie de muleta que, com o tempo, será deixada de lado.

Parece haver cuidado para não se deter na materialidade das experiências apresentadas, pois sua natureza profunda decorre das inter-relações que as envolvem. Essas relações são ambivalentes e podem significar ora libertação e expansão, ora apego ao passado ou consumo de emoções. As conquistas no campo simbólico desafiam o educador e oferecem pistas. Sua paulatina decifração representará um passo importante no delineamento do perfil da religiosidade do jovem, fonte desses signos.

Informações sobre o autor

Jorge Claudio Ribeiro. Professor titular da PUC-SP, onde trabalha desde 1976. Graduado em Filosofia, Jornalismo e Teologia (parcial). Mestre em Filosofia da Educação (dissertação publicada: “A Festa do Povo, pedagogia de resistência”); doutor em Antropologia (tese publicada: “Sempre Alerta – condições e contradições do trabalho jornalístico”); pós-doutorado em Sociologia das Religiões na École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris e no IFCH da Unicamp. Ao todo escreveu seis livros individuais e organizou uma coleção de Filosofia e numerosas antologias literárias. É editor da Olho d'Água.

Notes

- (1) Ver RIBEIRO, J. C. “Georg Simmel, pensador da religiosidade moderna” http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_ribeiro.pdf
- (2) In RIBEIRO, J. C. “Um perfil de docente – a dimensão existencial em Introdução ao Pensamento Teológico” (mimeo)
- (3) Cito aqui o romance de Arundhaty Roy, *O Deus das pequenas coisas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- (4) Prática fecunda, em que é proposto aos alunos que pesquisem a origem familiar e as circunstâncias de escolha do próprio nome, é desenvolvida por docentes do Depto. Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP, como Jozimas G. Lucas. Ver também NASSER, M. (2006) *O uso de símbolos – sugestões para a sala de aula*. São Paulo: Paulinas

Realizado pela MTV do Brasil, o dossiê “Universo Jovem” de 1999, pp. 42-48, detalha a intensa relação dos jovens com seu quarto.

Recordo o conto “Campo Geral”, de Guimarães Rosa (in *Manuelzão e Miguilim*). O menino Miguilim, “piticego”, recebe emprestados os óculos do doutor José Lourenço e, antes de partir para a cidade a estudos, re-lê sua casa, sua mãe, os parentes. “O doutor entendeu e achou graça. Tirou os óculos, pôs na cara de Miguilim. E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora... O Mutum era bonito! Agora ele sabia... Olhava mais era para Mãe... Sorriu para Tio Terez: ‘Tio Terez, o senhor parece com Pai...’ Todos choravam”.

Referências

- Armstrong, K. (2005). *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras
- Davie, G. & Hervieu-Léger, D. (1996). *Identités religieuses en Europe*. Paris: La Découverte
- Durkheim, É. (1989). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus
- Klein, R. (2006). O lugar e o papel dos símbolos no processo educativo-religioso. *Estudos Teológicos* 46 (2), 74-83
- Guimarães, J. (2001). *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Hervieu-Léger, D. (1999). *Le pèlerin et le converti. La religion en mouvement*. Paris: Flammarion
- _____ (2001) *La religion en miettes ou la question des sectes*. Paris: Calmann-Lévy
- Hervieu-Léger, D. & Willaime, J. (2001). *Sociologies et religion – approches classiques*. Paris: PUF
- MTV (1999, 2000, 2005). *Dossiê Universo Jovem*. São Paulo: Wilma Rocca & Associados
- Pierucci, Antônio Flávio in “Religião assume o capitalismo, diz sociólogo”, *Folha de S. Paulo*, 13/12/2005
- Roy, A. (1998). *O Deus das pequenas coisas*. São Paulo: Companhia das Letras
- Simmel, G. (1998). *Essays on religion*. Yale: Yale University Press
- Sontag, S. (2004). *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras